

# Welby SOU

---

**WELBY INGS - NGĀTI RAUKAWA**

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0002-4684-3762>

Welby Ings is a Professor in Design at Auckland University of Technology. He holds a Ph.D. in applied narratology and is an elected Fellow of the British Royal Society of Arts. His research navigates trajectories across linguistics, typography, education and visual communication design. Welby is also a multi award winning film maker, designer and author. In 2002 he received the New Zealand Prime Minister's award for Tertiary Teaching Excellence and in 2013 and 2022, AUT University medals for his research and teaching. He has in publication over 50 books, book chapters or research articles that are accessible here: <https://academics.aut.ac.nz/welby.ings>

**HOW TO QUOTE (APA7):**

Ings, W. (2022). Talking with Two Hearts: Navigating Indigenous Narratives as Research. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 69-72). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.177>

# Talking with Two Hearts: Navigating Indigenous Narratives as Research

## Keywords

Feature film; Gender non-binary, Heteronormative, In-betweenness.

Floyd Rudman (2003) notes that by enlarge, contemporary theory posits biculturalism as a positive and adaptive phenomenon. However, as early as 1936, commentators like Redfield et al. proposed that “psychic conflict” can result from attempts to reconcile different social paradigms inside bicultural adaptation (p. 152). Child (1943/1970) also argued that biculturalism cannot resolve cultural frustrations and accordingly, they can be more distressing than a commitment to one culture or the other. The tensions these early theorists noted I found significant when writing and directing my recent feature film PUNCH (Ings, 2022). When creating this work I drew on both my Māori and Pākehā (European) ancestry, and my experience as a gay man who was raised in a heteronormative world. In creating the film’s characters I navigated tensions, working within and between cultural spaces as I wove experience into a fictional examination of what it is to be an outsider in a world that you call home. In this pursuit, I often found myself transgressing borders in my effort to give voice to an in-betweenness that was impure and at times disruptive. While being appreciative of cultural values and practices, I sought ways of expressing identities that are liminal. However, in designing the in-between, like many bicultural

creatives I faced accusations of diminished purity. Significantly, I found myself encountering a form of cultural monitoring and pressure to reshape what I knew to be embodied truth because it failed to sit comfortably with the presuppositions of culturally anxious funding bodies, producers and distributors. Their opinions as to what authentically characterised cultural spaces (to which they did not belong), proved challenging. This was because ultimately I knew that audiences for the film would contain people from the in-between, from the liminal, the underrepresented and the marginalised ... who would be seeking an expression of lived experiences that rarely appear in cinema. Using scenes from the film PUNCH, this presentation unpacks ways in which cultural networking, verification and responsibility were navigated to reinforce an attitudinal position of ‘positive cultural dissonance’ (Faumuina, 2015). By adopting this stance, I no longer saw biculturalism as a diminishment or watering down of integrity, instead it was appreciated as a space of fertile tension and creative synergy. Using positive cultural dissonance as my turangawaewae (place to stand), I negotiated a research project that pursued the resilient beauty of in-betweenness in a story of bicultural, gender non-binary, small town conflict and resolution.

# Falando com dois corações: navegando em narrativas indígenas como pesquisa

## Palavras Chave:

Biculturalismo; Longa-metragem; Gênero não-binário; Heteronormativo; Intermediário.

Floyd Rudman (2003) observa que, por ampliar, a teoria contemporânea postula o biculturalismo como um fenômeno positivo e adaptativo. No entanto, já em 1936, comentaristas como Redfield et al. propuseram que o “conflito psíquico” pode resultar de tentativas de reconciliar diferentes paradigmas sociais dentro da adaptação bicultural (p. 152). Child (1943/1970) também argumentou que o biculturalismo não pode resolver as frustrações culturais e, portanto, elas podem ser mais angustiantes do que um compromisso com uma ou outra cultura. As tensões que esses primeiros teóricos observaram foram significativas para mim ao escrever e dirigir meu recente longa-metragem PUNCH (Ings, 2022). Ao criar este trabalho, baseei-me na minha ascendência Māori e Pākehā (europeia) e na minha experiência como um homem gay criado em um mundo heteronormativo. Ao criar os personagens do filme, naveguei pelas tensões, trabalhando dentro e entre os espaços culturais enquanto tecia a experiência em um exame ficcional do que é ser um estranho em um mundo que você chama de lar. Nessa busca, muitas vezes me vi transgredindo fronteiras em meu esforço para dar voz a um intermediário que era impuro e às vezes perturbador. Apesar de apreciar valores e práticas culturais, busquei formas de expressar identidades que são liminares. No entanto, ao projetar o meio-termo, como muitos criativos biculturais, enfrentei acusações

de pureza diminuída. Significativamente, encontrei-me encontrando uma forma de monitoramento cultural e pressão para remodelar o que eu sabia ser a verdade incorporada porque não se acomodava confortavelmente com as pressuposições de órgãos de financiamento, produtores e distribuidores culturalmente ansiosos. Suas opiniões sobre o que caracterizava autenticamente os espaços culturais (aos quais não pertenciam) mostraram-se desafiadoras. Isso porque, em última análise, eu sabia que o público do filme conteria pessoas do meio, do liminar, dos sub-representados e dos marginalizados... que estariam buscando uma expressão de experiências vividas que raramente aparecem no cinema. Usando cenas do filme PUNCH, esta apresentação revela maneiras pelas quais redes culturais, verificação e responsabilidade foram navegadas para reforçar uma posição atitudinal de “dissonância cultural positiva” (Faumuina, 2015). Ao adotar essa postura, deixei de ver a biculturalidade como uma diminuição ou enfraquecimento da integridade, mas como um espaço de tensão fértil e sinergia criativa. Usando a dissonância cultural positiva como meu turangawaewae (lugar para ficar), negocieei um projeto de pesquisa que buscava a beleza resiliente do meio-termo em uma história de conflito e resolução bicultural, não-binário de gênero e cidade pequena.

# Hablando con dos corazones: Navegando las narrativas indígenas como investigación

## Palabras clave:

Biculturalismo; largometraje; género no binario; heteronormativo, intermediación.

Floyd Rudman (2003) señala que, al ampliar, la teoría contemporánea postula el biculturalismo como un fenómeno positivo y adaptativo. Sin embargo, ya en 1936, comentaristas como Redfield et al., propusieron que el “conflicto psíquico” puede resultar de los intentos de reconciliar diferentes paradigmas sociales dentro de la adaptación bicultural (p. 152). Child (1943/1970) también argumentó que el biculturalismo no puede resolver las frustraciones culturales y, en consecuencia, estas pueden ser más angustiosas que un compromiso con una u otra cultura. Las tensiones que notaron estos primeros teóricos me parecieron significativas al escribir y dirigir mi reciente largometraje PUNCH (Ings, 2022). Al crear este trabajo, me basé en mi ascendencia maorí y pākehā (europea), y en mi experiencia como hombre gay que se crió en un mundo heteronormativo. Al crear los personajes de la película, navegué por las tensiones, trabajando dentro y entre espacios culturales mientras entretejía la experiencia en un examen ficticio acerca de lo que es ser un extraño en un mundo al que llamas hogar. En esta búsqueda, a menudo me encontré transgrediendo fronteras en mi esfuerzo por dar voz a un estado intermedio que era impuro y, a veces, disruptivo. Mientras apreciaba los valores y prácticas culturales, busqué formas de expresar identidades que son liminales. Sin embargo, al diseñar el espacio intermedio, como muchos creativos biculturales,

enfrenté acusaciones de pureza disminuida. Significativamente, me encontré enfrentándome a una forma de control cultural y presión para remodelar lo que sabía que era la verdad encarnada porque no encajaba cómodamente con las presuposiciones de los organismos de financiación, productores y distribuidores culturalmente ansiosos. Sus opiniones sobre lo que caracterizaba auténticamente los espacios culturales (a los que no pertenecían) resultaron desafiantes. Esto se debió a que, en última instancia, sabía que las audiencias de la película contendrían personas intermedias, liminales, subrepresentadas y marginadas... que buscarían una expresión de experiencias vividas que rara vez aparecen en el cine. Usando escenas de la película PUNCH, esta presentación revela las formas en que se navegaron las redes culturales, la verificación y la responsabilidad para reforzar una posición actitudinal de “disonancia cultural positiva” (Faumuina, 2015). Al adoptar esta postura, ya no vi la biculturalidad como una disminución o dilución de la integridad, sino que la aprecié como un espacio de tensión fértil y sinergia creativa. Usando la disonancia cultural positiva como mi turangawaewae (lugar para pararme), negocié un proyecto de investigación que perseguía la belleza resiliente de la intermediación en una historia de género no binario de resolución y conflicto bicultural en pueblo pequeño.